

PASSA A ViSÃO

Relato de experiência

Agosto 2022 a dezembro 2023



Sumário



Contexto

03



Relato da experiência

05



Resultados do projeto

17



Impacto além dos números

32



Agradecimentos

37



Ficha técnica

40

Nota: Este relatório foi escrito pela equipe da Serenas e, por esse motivo, sua narrativa se dá na primeira pessoa do plural. Seu conteúdo é de responsabilidade exclusiva da organização redatora e não representa necessariamente as opiniões ou posicionamento institucional do UNICEF e Ministério Público do Trabalho.

Iniciativa



Parceria estratégica



Parceria de implementação



Esse projeto faz parte da



Contexto

Em meados de 2022, a Serenas manifestou interesse em um Termo de Referência publicado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) em parceria estratégica com o Ministério Público do Trabalho. Na ocasião, submetemos uma proposta com o objetivo de promover a mobilização, o engajamento comunitário e a circulação de informações confiáveis sobre prevenção das múltiplas formas de violência contra crianças e adolescentes no território de Cidade Tiradentes, localizado na Zona Leste da Cidade de São Paulo.

Assim surgiu uma parceria que permitiu nascer o que se tornou, poucos meses depois, o **projeto Passa a Visão** - implementado entre agosto de 2022 e dezembro de 2023.

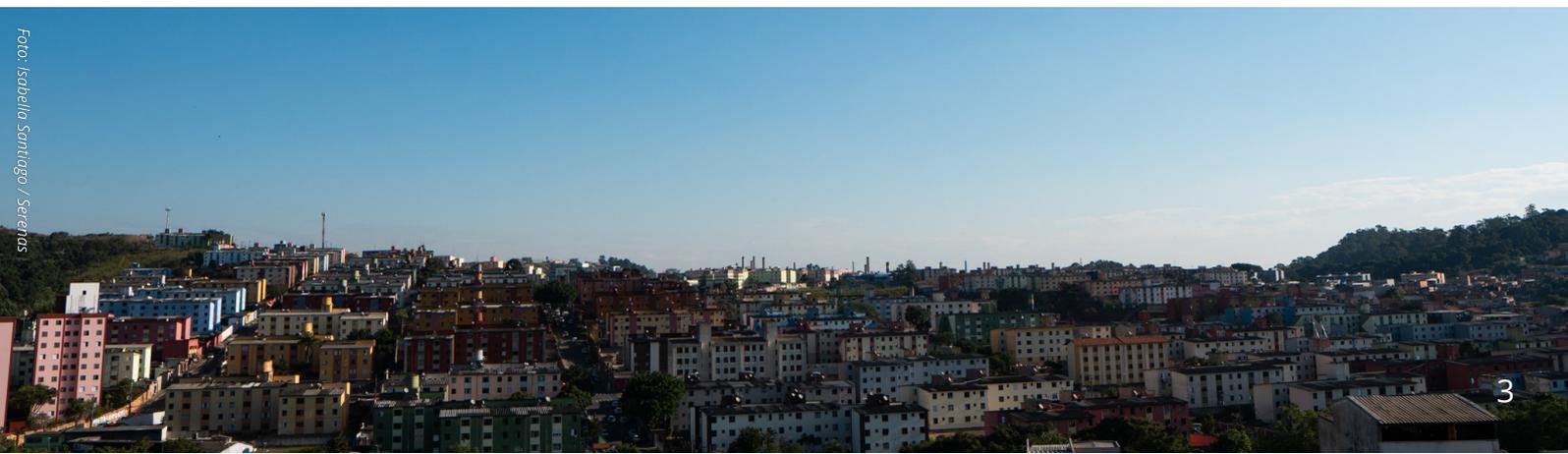
O projeto, que faz parte da #AgendaCidadeUNICEF, buscou atingir seu objetivo por meio da formação de agentes de mudança e da disseminação de informações qualificadas e confiáveis no território. Para isso, mobilizamos e formamos a Rede Passa a Visão de Adolescentes e Jovens Comunicadores, um grupo de 50 pessoas entre 14 e 19 anos, residentes de Cidade Tiradentes, que participou de encontros formativos sobre prevenção de violências e foi desafiado a criar peças de comunicação para informar outros jovens do território, atingindo mais de 20 mil pessoas entre 2022 e 2023.

Além disso, trabalhamos com ações de comunicação comunitária com foco na disseminação de informações qualificadas. Construímos uma campanha multimídia que impactou cerca de 25 mil pessoas, produzimos e distribuimos um material informativo sobre prevenção de violências baseadas no gênero e conduzimos oficinas de sensibilização e rodas de conversa sobre o mesmo tema, impactando diretamente 105 agentes públicos que atuam no Sistema de Garantia de Direitos de Crianças e Adolescentes (SGDCA) do território.

Tais resultados só foram possíveis porque contamos com uma rede de pessoas, coletividades, organizações e serviços de Cidade Tiradentes que incentivaram, fortaleceram e viabilizaram nossas ações.

Nas próximas páginas, relatamos em mais detalhe o que foi realizado no âmbito do Projeto Passa a Visão e compartilhamos algumas das premissas que estavam por trás de cada ação realizada até aqui. Esperamos que este relato, assim como todos os materiais disponibilizados pelo projeto, inspire pessoas de qualquer localidade a promoverem ações territorializadas com foco na prevenção de violências.

Boa leitura!



Sobre as organizações parceiras



UNICEF

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) trabalha em alguns dos lugares mais difíceis do planeta, para alcançar as crianças mais desfavorecidas do mundo. Em 190 países e territórios, o UNICEF trabalha para cada criança, em todos os lugares, para construir um mundo melhor para todos.



Serenas

A Serenas é uma organização sem fins lucrativos, criada e gerida por mulheres, que trabalha para que meninas e mulheres possam viver livres de violências baseadas no gênero. Para isso, atua com governos e sociedade civil através de três estratégias (Educar para Prevenir; Qualificar para Acolher; e Informar para Priorizar) visando criar programas e projetos que apoiem a construção de políticas educacionais voltadas à prevenção de violências, a qualificação de agentes públicos que atuam no acolhimento de sobreviventes, e a disseminação de informações baseadas em evidências para fortalecer essa agenda no debate público.



Ministério Público do Trabalho

O Ministério Público do Trabalho (MPT) tem como atribuição fiscalizar o cumprimento da legislação trabalhista quando houver interesse público, procurando regularizar e mediar as relações entre empregados e empregadores, seja no âmbito judicial ou administrativo. Compete também ao MPT propor as ações necessárias à defesa dos direitos e interesses das crianças, dos adolescentes, dos incapazes e dos indígenas, decorrentes de relações de trabalho.



#AgendaCidadeUNICEF

Iniciativa do UNICEF em parceria com prefeituras municipais de grandes centros urbanos brasileiros para promover direitos e oportunidades de crianças e adolescentes vulneráveis, contribuindo com a prevenção de violências em suas vidas. Na sua primeira edição (2022-2024), ocorre em Belém, Fortaleza, Manaus, Recife, Rio de Janeiro, Salvador, São Luís e São Paulo.

Junto com organizações da sociedade civil, empresas, comunidades e adolescentes, a #AgendaCidadeUNICEF abre caminhos de direitos e oportunidades para crianças e adolescentes por meio de estratégias integradas, no campo da Educação, Saúde, Proteção, e Inclusão Socioprodutiva, que ajudam a reduzir e prevenir violências.



Relato da experiência

Relato da experiência

O Projeto Passa a Visão aconteceu em dois ciclos: o primeiro entre agosto de 2022 e fevereiro de 2023, e o segundo entre abril e dezembro de 2023. Em ambos os momentos, o escopo de trabalho foi desenhado a partir de duas abordagens: o **engajamento de juventudes e a comunicação comunitária**. É a partir dessa divisão que trataremos todas as informações daqui para frente.

abordagem

Comunicação comunitária

Engajamento de juventudes

estratégias de implementação

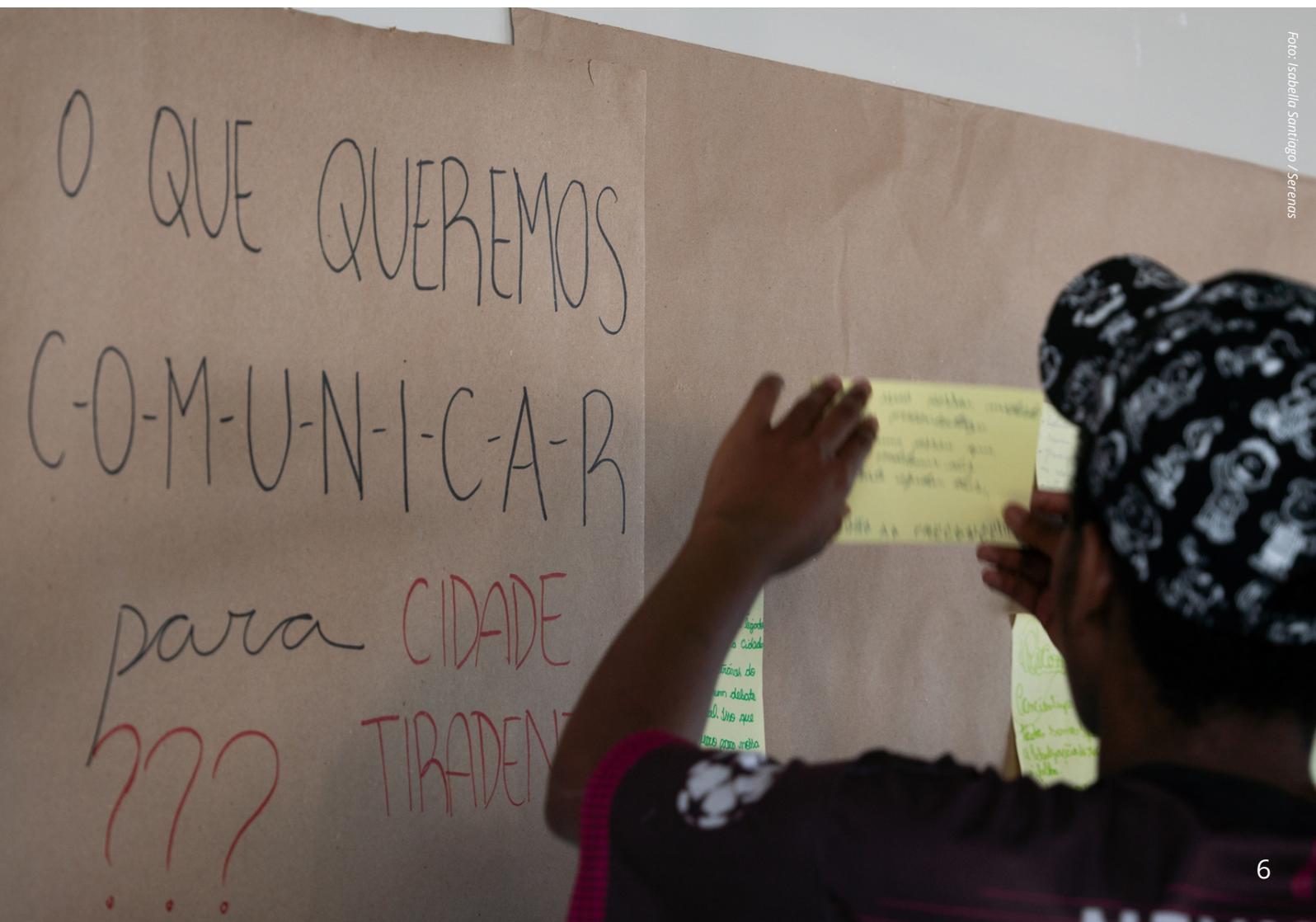
Campanha multimídia de comunicação comunitária

Formação de Rede de Adolescentes e Jovens Comunicadores

Oficinas de sensibilização e rodas de conversa com profissionais da rede de proteção do território

Campanhas de comunicação de jovem para jovem

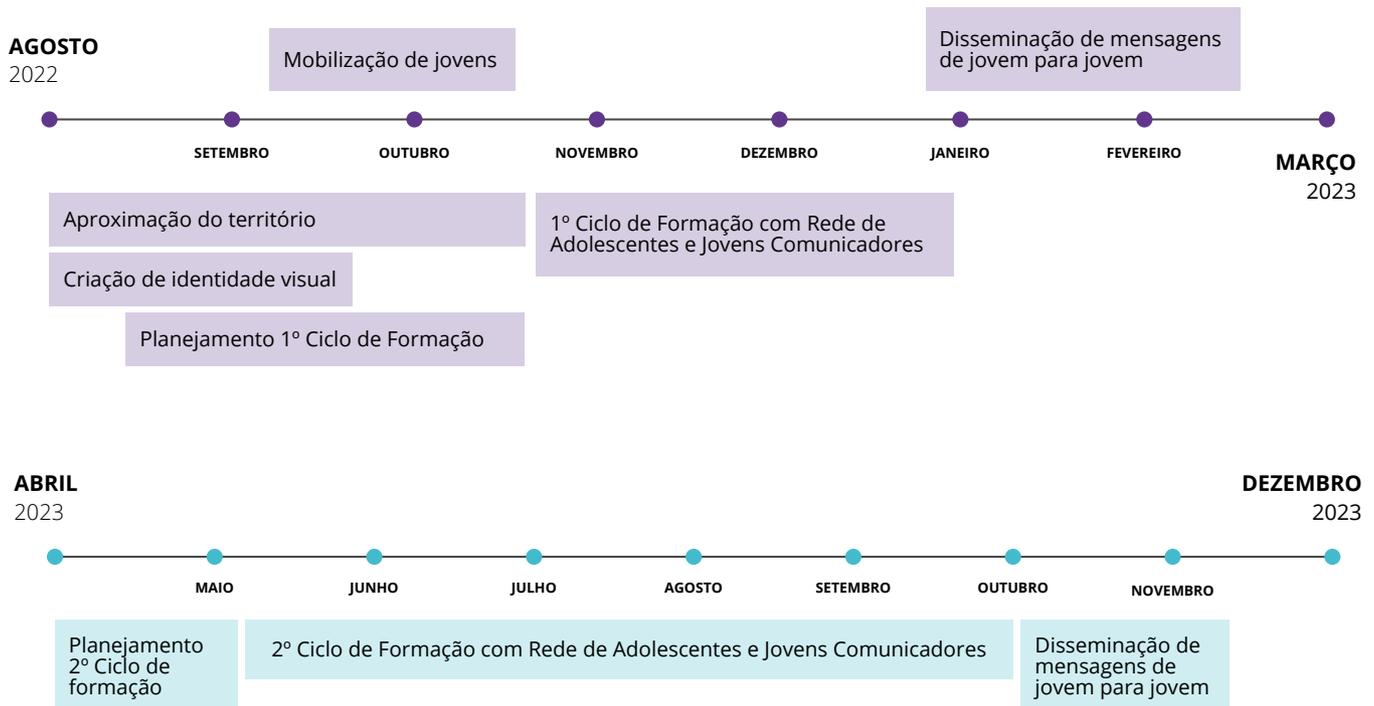
Participação jovem em espaços de debates de políticas públicas





Engajamento de juventudes

Engajamento de juventudes



Aproximação do território e mobilização de juventudes

Não sendo a Serenas uma organização baseada no território de Cidade Tiradentes, o que orientou todas as ações subsequentes do projeto foi a etapa de aproximação com lideranças, serviços, coletividades e organizações locais¹. Assim, os primeiros dois meses do projeto foram voltados prioritariamente a essa articulação, a fim de conhecermos as principais demandas, apresentarmos e ajustarmos o escopo do projeto, e estabelecermos parcerias para futuras ações de mobilização, formação e comunicação no território.

Também foi neste período que desenvolvemos a identidade visual do projeto. A gíria **Passa a Visão** - que significa "alertar", "dar um conselho" - passou a conferir nome e personalidade à iniciativa.

No final de setembro, firmamos uma parceria com o Centro de Formação Cultural Cidade Tiradentes e o CEU Barro Branco III objetivando utilizar ambos os espaços para execução das oficinas presenciais do Passa a Visão.

Para mobilizar adolescentes e jovens participantes da Rede, criamos uma estratégia de divulgação via redes sociais e grupos intersetoriais do bairro, que culminou no interesse de 292 jovens. Esse interesse foi manifestado a partir da inscrição em um formulário com 40 perguntas sobre histórico em programas e serviços sociais, vida escolar, rotina, momento atual e expectativas sobre o projeto - além de dados pessoais de identificação.

1) Conversamos com dezenas de lideranças e profissionais do território, tais como: Serviço de Proteção Social às Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência (SPVV), Serviço de Assistência Social à Família (SASF), Diretoria de Ensino Leste 3 (SEDUC-SP), Projeto Guri, Centro de Desenvolvimento Social e Produtivo (CEDESP), Coletivo Love CT Sk8, Centro de Convivência Intergeracional (CCInter), Rede Intersetorial, Fórum de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, Centro de Defesa e de Convivência da Mulher (CDCM Casa Anastacia), Serviço de Medida Socioeducativa Adão Manoel, Centro de Formação Cultural Cidade Tiradentes, CEU Barro Branco, Centro de Referência de Promoção da Igualdade Racial, entre outros.

Para selecionar as 50 pessoas buscamos criar o grupo mais diverso possível a partir de alguns critérios de seleção, tais como idade e marcadores sociais (raça, gênero, orientação sexual, jovens gestantes ou mães e outros), além de um sistema de pontuação para perguntas dissertativas sobre a relação com a comunidade e expectativas sobre o projeto.

Em 2022, os jovens tiveram a missão de disseminar informações sobre prevenção de múltiplas formas de violências para pelo menos 1000 outros jovens moradores do bairro. Já em 2023, o desafio foi mais ousado: entregar informação qualificada sobre prevenção e resposta a violências baseadas no gênero para 3000 estudantes da rede pública. E assim foi feito!



↖
Saiba mais
sobre o
alcance das
campanhas
na seção
**“Resultados
do projeto”**

Jornada formativa

Tanto no primeiro quanto no segundo ciclo do projeto, nossa abordagem esteve ancorada em **quatro princípios** que orientaram o desenho das jornadas formativas.



Comunicação para emancipação



Centralidade no território



Emergência do “eu” no processo



Conhecimento crítico e interseccional

Fotos: Isabella Santiago (1), Pedro Paquino (2, 3, 4)

Metodologia Formativa para Rede de Adolescentes e Jovens Comunicadores

Vamos começar?

Conhecer alguns temas, ouvir o que outras pessoas têm a dizer sobre eles e como se expressam no território.

DESCOBRIR

Levar adiante

Mensagens criadas, agora é hora de levar para as pessoas que precisam conhecê-las!

COMUNICAR

PROBLEMATIZAR

Momento de ir mais fundo

Conhecer direitos e políticas públicas, analisar o que funciona, o que pode ser feito de forma diferente e o papel da juventude nisso tudo.

CRIAR

Mão na massa!

Criar uma campanha de comunicação para informar outras pessoas sobre o que foi aprendido.

ASSENTAR

Aquietar, refletir e organizar os aprendizados.

Ambos os ciclos formativos seguiram a mesma metodologia, mas com formatos e enfoques temáticos diferentes. O primeiro ciclo focou em temas relacionados a múltiplas formas de violência na infância, a partir de encontros formativos presenciais e virtuais com a equipe da Serenas. Já no segundo ciclo, modulamos a metodologia a partir de alguns aprendizados.

Em primeiro lugar, recortamos o foco temático dando destaque à agenda de prevenção e resposta às violências baseadas no gênero na infância e adolescência, de forma que as mensagens disseminadas pela Rede fossem mais efetivas. Esse recorte se deu por Cidade Tiradentes ser um território com índices expressivos de violências baseadas no gênero, gravidez na adolescência e trabalho infantil doméstico.

Definimos, também, que esse ciclo formativo teria uma quantidade menor de jovens participantes, para que pudéssemos aprofundar as relações e permitir a “emergência do ‘eu’ no processo”. Também contratamos facilitadoras de Cidade Tiradentes para as oficinas, conferindo maior centralidade ao território no compartilhamento de conhecimentos com o grupo. Por fim, optamos por evitar os encontros virtuais, pois o acesso à internet não era comum a todas as pessoas participantes, e incluímos visitas a equipamentos e serviços públicos para tangibilizar os aprendizados das oficinas.

No primeiro ciclo do projeto, tivemos 13 encontros, sendo 7 presenciais e 6 online:

1. Boas-vindas
2. **Introdução às Violências Contra Crianças e Adolescentes:** o que são e como se relacionam com o meu território
3. **Tipos de Violências Contra Crianças e Adolescentes:** raízes históricas e culturais
4. **Introdução às Políticas Públicas:** o que são e como podem apoiar vítimas de violências
5. **Violências Baseadas no Gênero**
6. **Racismo e Branquitude**
7. **Introdução à Comunicação**
8. **Prevenção de violências e acesso ao mundo do trabalho**
9. **Pesquisa:** coleta de percepção de pessoas de Cidade Tiradentes sobre violências no bairro
10. **Comunicação digital:** inspirações para campanhas de jovem para jovem
11. **Respiro:** reflexão sobre o que aprendemos até o momento
12. **Mão na massa:** construção de peças de comunicação
13. **Apresentação final**

Já no segundo ciclo, priorizamos os encontros presenciais, que foram divididos entre 10 oficinas formativas e 6 visitas:

1. Boas-vindas
2. Oficina sobre **gênero e sexualidade**
3. Visita à **Casa da Mulher Brasileira**
4. Oficina sobre **fanzines**
5. Visita ao **Centro de Referência de Promoção da Igualdade Racial**
6. Visita ao **Conselho Tutelar**
7. Oficina sobre **masculinidades**
8. Visita ao **Centro de Atenção à Saúde Sexual e Reprodutiva (Casa Ser)**
9. Oficina sobre **saúde mental**
10. **Assentar:** reflexão sobre o que aprendemos até o momento
11. Visita à **Câmara Municipal de São Paulo**
12. **Mão na massa:** definição de um cronograma de trabalhos
13. Visita à **Agência Cria** (visita extra, promovida pela equipe do UNICEF)
14. **Mão na massa:** produção de vídeos
15. **Mão na massa:** desenho de estratégias de disseminação
16. **Encontro final:** encerramento e celebração



Foto: Isabella Santiago / Serenas

As produções da Rede de Jovens (músicas, slam, vídeos e peças de comunicação) chegaram em mais de **20 mil pessoas** através de redes sociais, rádio e apresentações.

Elas podem ser encontradas na página do Instagram: **@passavisaooficial**

Participação jovem

Além dos encontros formativos, os jovens do Passa a Visão também ocuparam alguns espaços de debates de políticas públicas. Dentre eles, destacamos três:



Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania

A convite da Secretaria Municipal de Direitos Humanos, a Rede de Adolescentes e Jovens Passa a Visão participou de um evento em comemoração aos 33 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Eles abriram o evento com uma intervenção poética.

Na sequência, os jovens Isabela Carine e Ryan Honório participaram do debate principal compondo a mesa junto à Secretária de Direitos Humanos Soninha Francine e representantes do CMDCA, Conselhos Tutelares e SEFRAS.

Fórum de Defesa das Crianças e Adolescentes de Cidade Tiradentes

A convite do Fórum DCA, dois jovens do Passa a Visão participaram do 1º Seminário da Criança e do Adolescente de Cidade Tiradentes.

Na oportunidade, Ester Guerra e Maycon Douglas compuseram a mesa de debates “Por qual Conselho Tutelar lutamos?”, trazendo uma perspectiva jovem sobre a importância da qualificação dos Conselhos Tutelares de todo o Brasil para a garantia integral de direitos.



Assembleia Legislativa de São Paulo (ALESP)

Cinco jovens da Rede estiveram presentes no evento “Diálogos pela Segurança Escolar”, promovido pelo Mandato da Deputada Marina Helou, junto da ONG Visão Mundial.

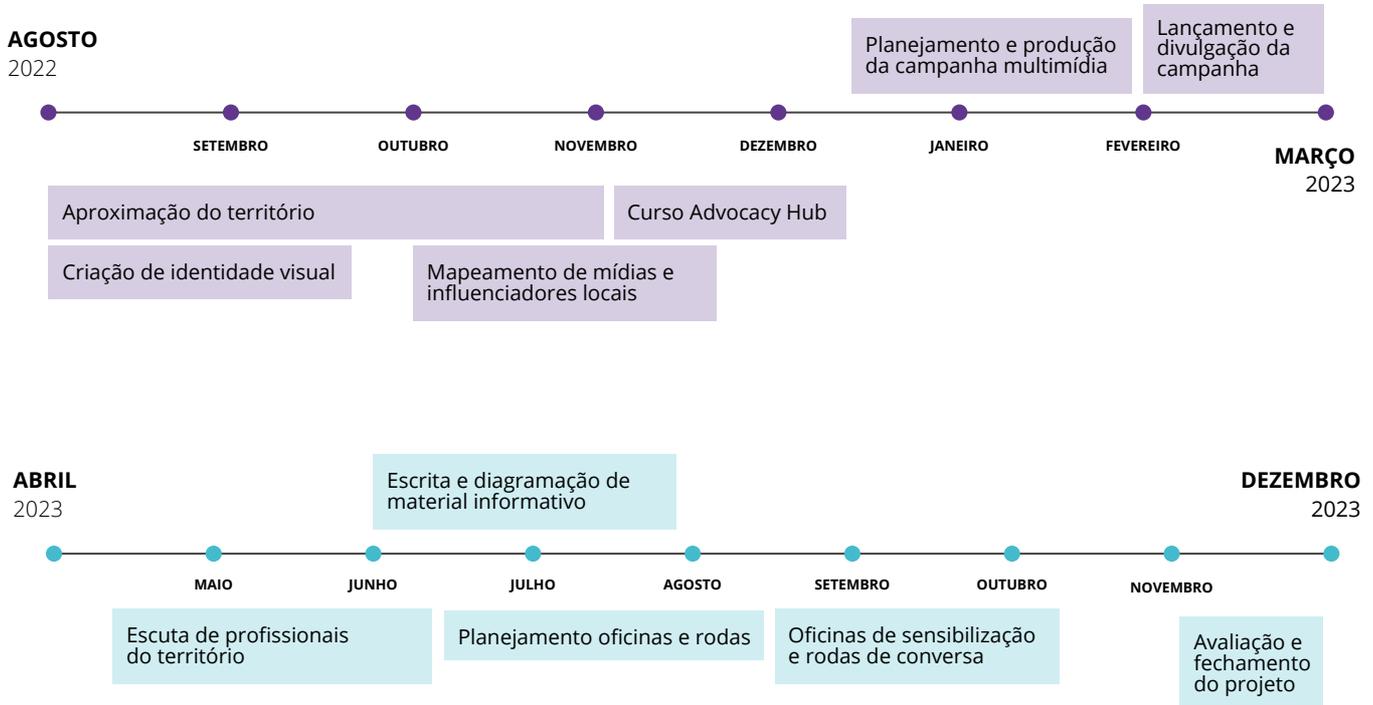
O encontro, que aconteceu na ALESP, buscou criar um espaço para reflexão junto à comunidade escolar sobre prevenção e enfrentamento das violências.

Fotos: Isabella Santiago (1), Bruna Latrofe (2), Iury Carvalho (3)



Comunicação comunitária

Comunicação comunitária

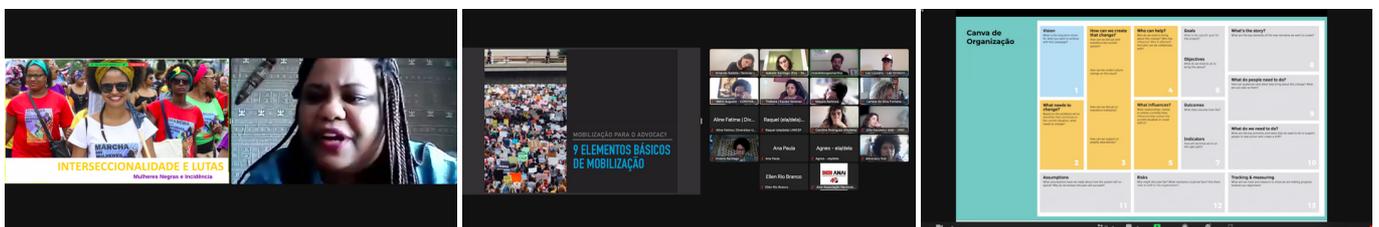


A frente de Comunicação Comunitária aconteceu através de duas estratégias de implementação. No primeiro ciclo do projeto, desenvolvemos uma **campanha multimídia**, enquanto no segundo conduzimos **oficinas de sensibilização** e rodas de conversa com profissionais da rede de proteção do território, que foram acompanhadas de um material informativo sobre violências contra meninas.

Campanha multimídia

Assim como na frente de engajamento de juventudes, na frente de comunicação também tivemos um período inicial dedicado à aproximação com o território de Cidade Tiradentes. Essa articulação foi fundamental para identificarmos algumas possibilidades de formatos de comunicação.

Em novembro de 2022, após seleção e início das oficinas com a Rede de Adolescentes e Jovens, demos oficialmente o pontapé inicial no planejamento da nossa campanha: fizemos um mapeamento de mídias e influenciadores locais e passamos pelo curso “Comunicação e Advocacy para Prevenção de Violências”, conduzido pelo **Advocacy Hub**, organização sem fins lucrativos que atua para fortalecer o potencial de impacto e engajamento de quem atua na defesa de causas.



Fotos: Arquivo Serenos

Feita a muitas mãos, a campanha foi lançada no dia 04 de fevereiro, em um evento presencial no CEU Barro Branco.

Sua produção resultou em três tipos de peças de comunicação arquivadas em um site que reúne todos os materiais de campanha:

- Para uso em **redes sociais**, lançamos um conjunto de peças digitais acompanhadas de legendas e produzidas em diferentes formatos (story, carrossel e peça única).
- Para rádio e plataformas de áudio, lançamos um **podcast** em parceria com o Núcleo Teatral Filhas da Dita, coletiva de artistas de Cidade Tiradentes, disponível gratuitamente no Spotify ([clique aqui!](#)).
- Para divulgação em ambientes físicos, criamos cartazes tipo **"lambe-lambe"**², produzidos pela designer Luara Iracema, também moradora do território.

Acesse o site e baixe os conteúdos da campanha!
www.passaavisao.com



2) O "lambe-lambe", ou apenas "lambe", é uma manifestação artística urbana que consiste na criação de cartazes em papel que são colados em muros, postes e outros espaços públicos de grande circulação.

Ações de sensibilização: oficinas e rodas de conversa

Em 2023, nos dedicamos a mobilizar e sensibilizar atores-chave do território através de oficinas e rodas de conversa sobre violências baseadas no gênero³. Iniciamos o planejamento fazendo uma escuta de profissionais do território, a partir de entrevistas em profundidade. O objetivo foi entender a percepção de profissionais que atuam em serviços da saúde, direitos humanos, assistência social, educação e cultura sobre demandas relacionadas à prevenção das violências baseadas no gênero - em especial, aquelas que acontecem contra meninas.

A partir desta escuta inicial, desenhamos uma jornada de sensibilização com dois encontros de 8h cada e focada em quatro objetivos de aprendizagem:

1. Entender os conceitos: Violência baseada em gênero, Revitimização e Acolhimento Humanizado
2. Reconhecer a violência baseada em gênero como um problema sistêmico e interseccional
3. Se colocar no lugar da vítima e criar empatia com ela
4. Identificar ações individuais para prevenir e enfrentar violências contra meninas

Nesses encontros, alcançamos um público de 27 pessoas moradoras do território e atuantes nos setores da assistência social, educação, cultura, saúde, movimentos sociais, entidades religiosas e coletivos de artistas.

Na expectativa de ampliar o nosso alcance, realizamos também 3 rodas de conversa diretamente nos serviços da região: uma com profissionais atuantes nos Núcleos de Prevenção à Violência (NPV) das Unidades Básicas de Saúde (UBS), e duas com profissionais de serviços das Proteções Básica e Especial da Assistência Social. Dialogamos, assim, com mais 78 profissionais do território.

Tanto as oficinas de sensibilização quanto as rodas de conversa acompanharam um material complementar, inspirado na estética de fanzines, produzido especialmente para essas ocasiões.



Fotos: Isabella Santiago / Serenas

3) Assim como feito na jornada formativa da Rede de Adolescentes e Jovens comunicadores, nas ações de comunicação comunitária realizadas no segundo ciclo do projeto realizamos um recorte temático e trabalhamos a agenda da prevenção às violências baseadas no gênero.

4) Entendemos, durante o processo de mobilização, que a melhor maneira de alcançar agentes públicos que atuam na rede de proteção é articulando encontros que acontecem diretamente em seus espaços de trabalho. Isso foi rapidamente incorporado como uma alternativa para ampliar o alcance das ações de sensibilização, que se deu a partir da realização das rodas de conversa.



Resultados do projeto

Nosso alcance

50 adolescentes e jovens⁵
participaram de jornada formativa sobre comunicação e prevenção de violências.

+21 mil pessoas⁶
impactadas por comunicação digital feita pela Rede de Adolescentes e Jovens.

+24 mil moradores⁷
impactados pela campanha multimídia de comunicação comunitária.

105 profissionais
da rede de proteção sensibilizados sobre prevenção de violências baseadas no gênero.



Todos os materiais produzidos no âmbito do projeto seguem circulando no território e também podem ser acessados livremente por qualquer pessoa.

Acesse o site: www.passaavisao.com

5) 50 adolescentes e jovens participaram do primeiro ciclo do projeto, enquanto 30 participaram do segundo ciclo e seguem formando a Rede de Comunicadores

6) Em um intervalo de 03 meses (início de setembro a final de novembro), a página do Instagram da Rede de Adolescentes e Jovens (@passaavisaooficial) alcançou 21.810 contatos. Enquanto o conteúdo foi distribuído pela página no Instagram, a divulgação foi feita através de grupos de WhatsApp e contatos diretos com grêmios estudantis de 07 escolas do território: 3 municipais, 1 ETEC e 3 estaduais. Não é possível filtrar o público alcançado por idade, mas sabemos que 83% das pessoas atingidas são do município de São Paulo. Sabemos também que as disseminações feitas pelos grêmios têm um potencial de alcance de 5.839 estudantes na faixa etária entre 14 e 19 anos, com base no número de alunos matriculados no Ensino Médio e nos anos finais do Ensino Fundamental dessas escolas (dados de matrícula de 2022) e ETEC (estimativa de 2023).

7) Número calculado entre 4 e 22 de fevereiro de 2023. Esse cálculo inclui: 1) acessos ao site da campanha; 2) alcance dos cards nas redes sociais da Serenas; 3) alcance dos áudios da campanha divulgados na Rádio Tiradentes FM, 4) envio de materiais via WhatsApp para pessoas que compõem a Rede Intersectorial do território; 5) potencial de alcance a partir da colagem de lambe-lambes nas avenidas principais do bairro e 6) divulgação presencial em eventos e reuniões do território.

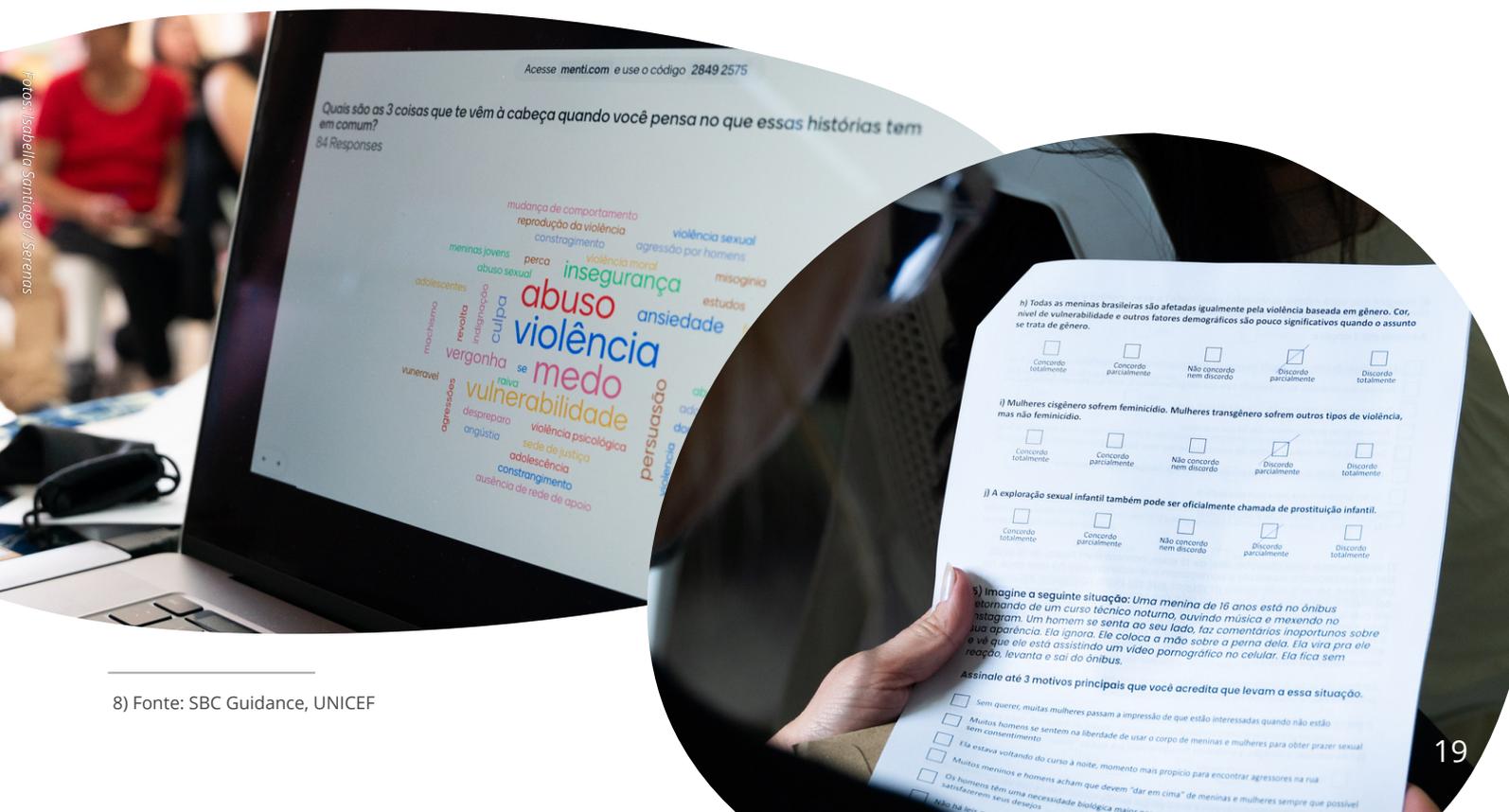
Avaliação de impacto

As Ciências Comportamentais investigam, em resumo, as razões pelas quais as pessoas - individual ou coletivamente - percebem, pensam e agem de maneiras específicas. Em alguns campos, como em pesquisas mercadológicas, ações com foco em mudança de comportamento podem alcançar resultados de maneira pontual e objetiva. Já em outros, que envolvem desafios complexos, a mudança de comportamento frequentemente depende de uma mudança social e sistêmica.

Mesmo a campanha de comunicação mais robusta não consegue superar normas sociais, modelos mentais e sistemas de crença enraizados.⁸ Quando falamos em prevenção de violências baseadas no gênero ou violências contra crianças e adolescentes, estamos tratando de problemas profundamente enraizados, que demandam soluções integradas e continuadas. Nesse contexto, atingir resultados concretos e sustentáveis de mudança de comportamento social significa também atuar de maneira contínua para equipar e fortalecer o sistema de garantia de direitos, que envolve diferentes atores e setores de um determinado território.

O Projeto Passa a Visão é uma pequena peça de um grande quebra-cabeça. Ele faz parte de um conjunto de ações no âmbito da #AgendaCidadeUNICEF e, portanto, mensurar o impacto desse projeto na esfera social, institucional ou comunitária significaria conduzir uma avaliação que olhasse para todas as outras ações que estão nesse guarda-chuva.

Com isso, o que traremos nessa seção do relatório é fruto da mensuração do impacto das ações da Serenas na esfera individual. Conduzimos pesquisas de mudança de percepção junto aos adolescentes e jovens que compõem a Rede Passa a Visão e aos profissionais da rede de proteção de Cidade Tiradentes que participaram das oficinas de sensibilização conduzidas pela Serenas. Entendemos que eles são os beneficiários diretos do projeto, e que, a partir desse momento, passam a atuar como multiplicadores da agenda de prevenção de violências baseadas no gênero.



8) Fonte: SBC Guidance, UNICEF

abordagem

Comunicação comunitária

Engajamento de juventudes

metodologia de avaliação

Questionários (pré e pós) respondidos por **profissionais da rede de proteção** de Cidade Tiradentes que participaram dos dois dias de oficinas de sensibilização.

Análise de instrumentos de coleta qualitativa que envolvem as ciências comportamentais (detalhados nas próximas páginas).

Questionários (pré e pós) respondidos por **adolescentes e jovens** que participaram dos dois ciclos formativos e compõem a Rede de Comunicadores.

outputs esperados

Novos conhecimentos: entender os conceitos de violência baseada no gênero (VBG).

Aumento no nível de consciência sobre o tema: reconhecer a violência baseada em gênero como algo sistêmico e interseccional, e não isolado; se colocar no lugar da vítima e criar empatia com ela.

Mudança de atitude frente às violências: identificar ações individuais para prevenir e enfrentar a VBG no território.

Novos conhecimentos: saber fatos e informações sobre prevenção e enfrentamento da violência contra meninas e mulheres.

Aumento no nível de consciência sobre o tema: perceber situações cotidianas de violência contra meninas e mulheres.

Mudança de atitude frente às violências: reconhecer que é corresponsável e que tem potencial para transformar o seu entorno.

Aumento de autoconfiança: melhora na autoestima e na percepção de autoimagem.

Melhoria de habilidades: meios de comunicação, conhecimento crítico e interseccional e escuta empática.

Aumento de confiança nas instituições: confiar na eficácia, capacidade de resposta e imparcialidade das instituições que atuam na prevenção de violências.

Comunicação comunitária

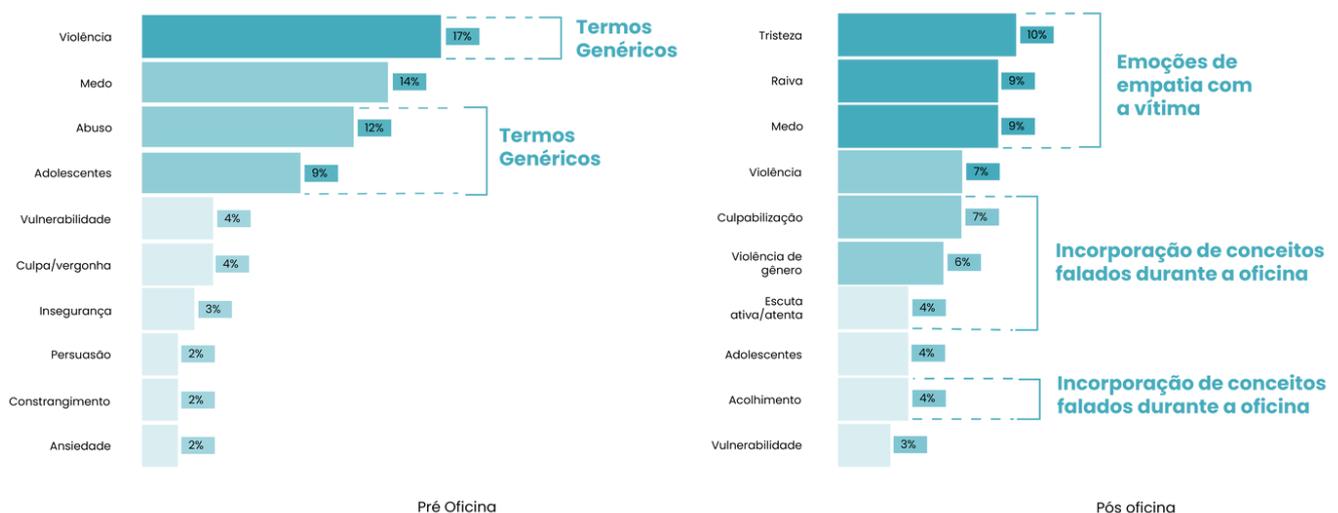
Avaliação de impacto

Output 1 - Novos conhecimentos: entender os conceitos de violência baseada no gênero (VBG)

Para saber se as pessoas participantes das oficinas de sensibilização passaram a compreender os conceitos de violência baseada no gênero, utilizamos dois métodos.

Em primeiro lugar, logo no começo da primeira oficina, lemos diferentes histórias de meninas sobreviventes de violências baseadas no gênero. Na sequência, foi pedido que eles escrevessem as “3 coisas que lhes vinham à cabeça quando pensavam no que as histórias apresentadas tinham em comum”, provocando uma livre associação de termos, formando conexões chave. Foram dados aproximadamente 30 segundos para essa atividade - ou seja, houve certa pressão de tempo, ativando o “Sistema 1”, lado mais intuitivo, rápido e emocional dos participantes.

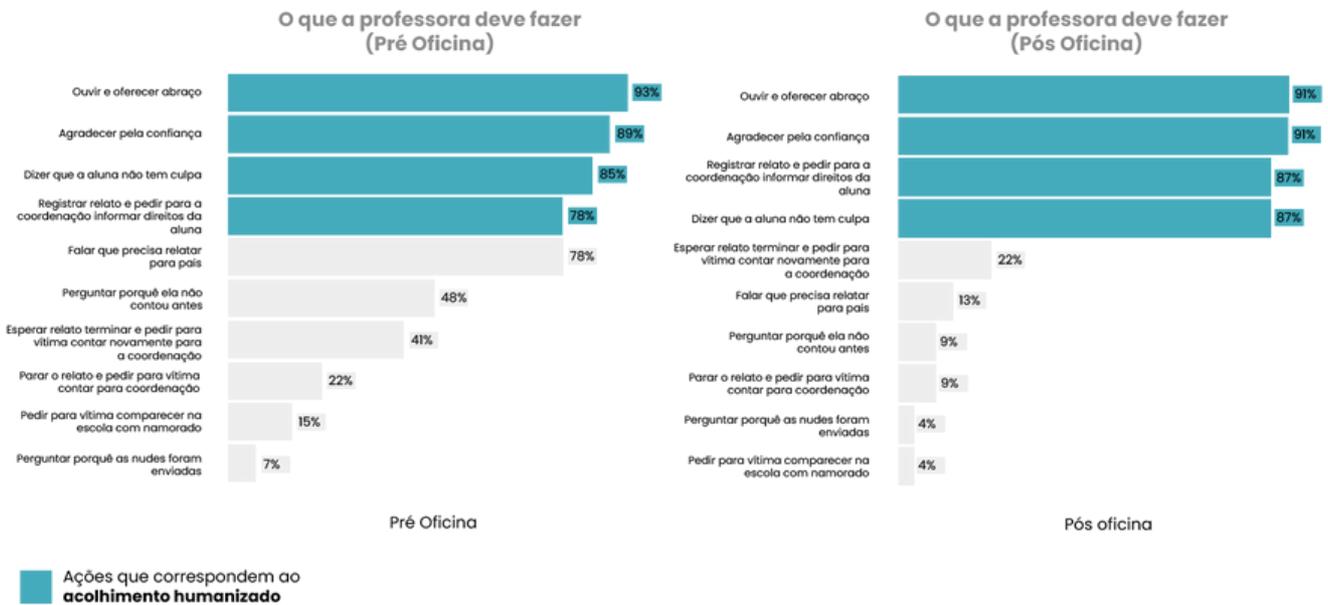
As palavras foram escritas anonimamente em uma plataforma interativa que gerou automaticamente nuvens de palavras. No final da última oficina fizemos o mesmo exercício, e o resultado esperado após as oficinas era uma adjetivação mais qualificada do que as histórias tinham em comum. De fato, foi isso que aconteceu. Conforme ilustram os gráficos abaixo, produzidos a partir das palavras mais frequentes nas nuvens de palavras, as associações se tornam mais variadas (menos óbvias) e os termos se tornam mais empáticos e específicos (menos genéricos), demonstrando maior compreensão de conceitos importantes, como: “violência baseada em gênero”, “escuta ativa” e “acolhimento”.



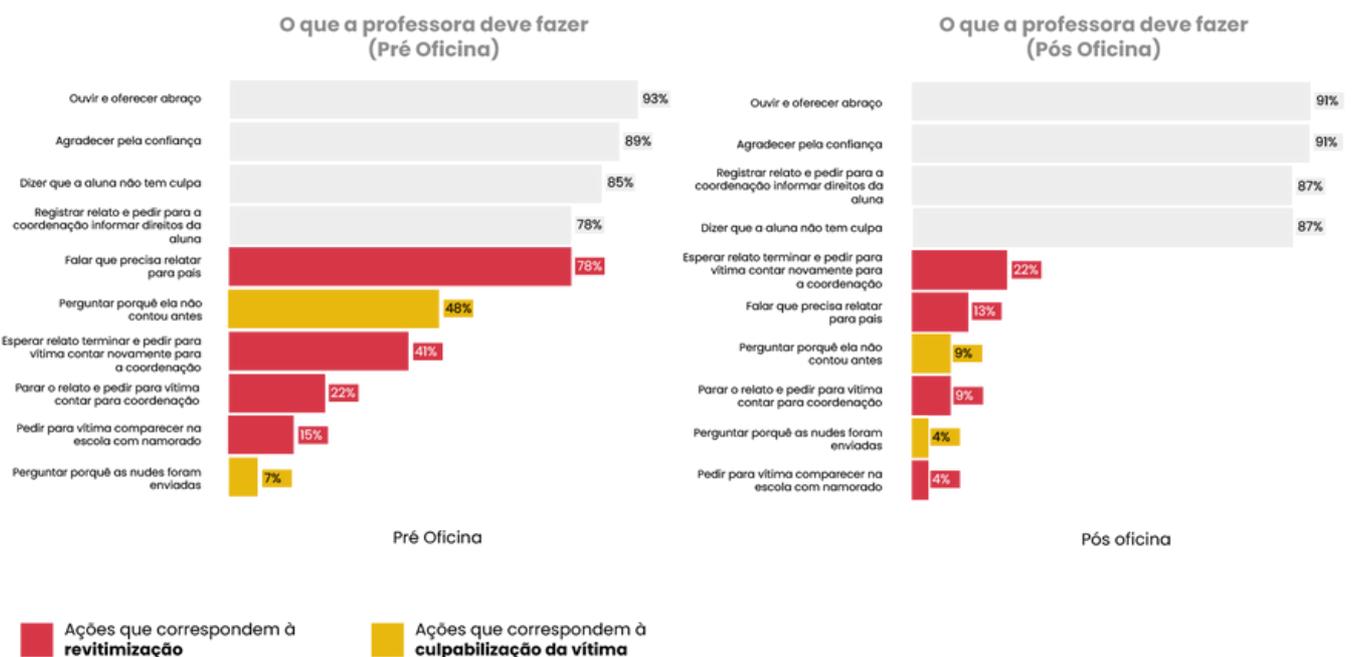
Em segundo lugar, avaliamos a diferença entre os questionários aplicados pré e pós oficinas. Esta questão em específico apresentava uma situação na escola em que Ana, aluna e vítima de VBG, contava o que estava vivendo para sua professora. Foram dadas inúmeras opções aos participantes sobre o que a professora deveria fazer nesse caso.

9) O conceito de “Sistema 1”, aqui utilizado vem do livro “Rápido e Devagar - Duas Formas de Pensar”, de Daniel Kahneman.

Conforme indicam os gráficos a seguir, respostas que reforçam o acolhimento humanizado crescem após a oficina. Aproximadamente 90% dos participantes agiriam de acordo com os quatro comportamentos desejados, seguindo políticas de acolhimento humanizado.



Além de ter ajudado os participantes a entenderem o que deve ser feito ao acolher uma vítima, a oficina também ajudou-os a perceber o que não deve ser feito. Comportamentos que acabam levando à revitimização e/ou culpabilização da vítima diminuíram drasticamente após a oficina.

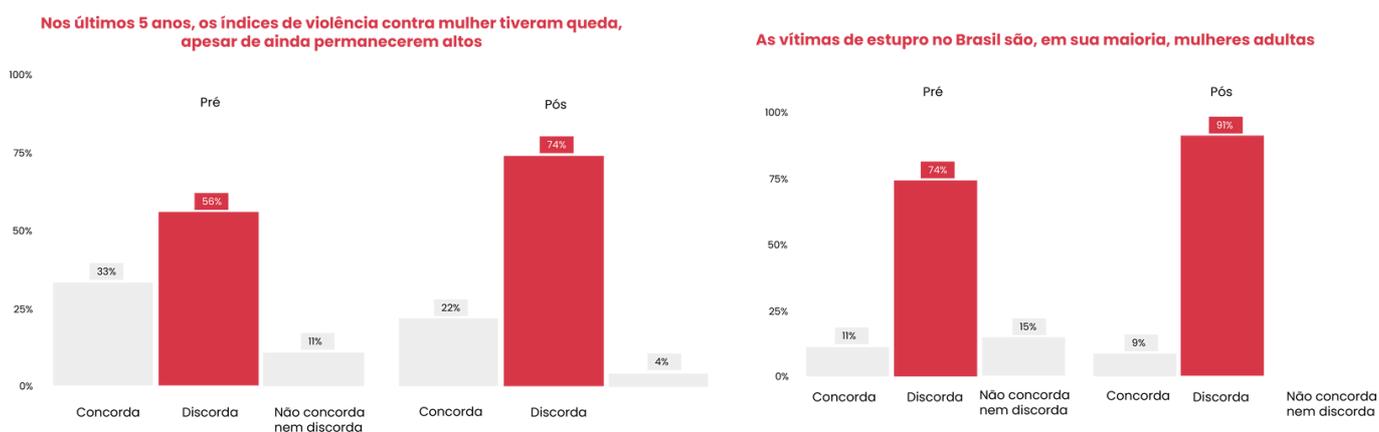


10) Perguntas situacionais e contextualizadas (ao invés de teóricas) foram utilizadas em todo o questionário. Foram elaboradas perguntas que consideram a complexidade do comportamento humano e o modo como pesquisas de avaliação são normalmente respondidas, evitando alternativas explícitas e inserindo aquelas que efetivamente tendem a medir o quanto cada pessoa absorveu de conteúdo.

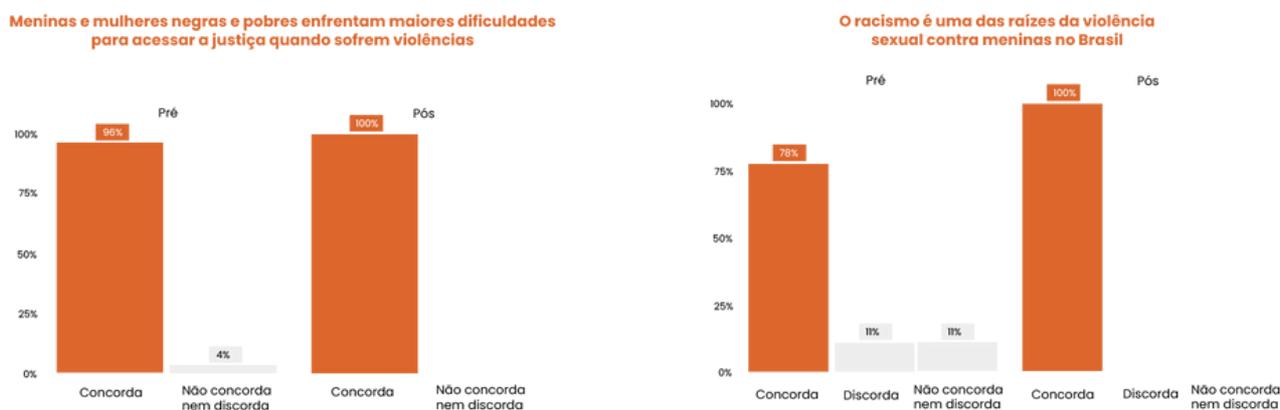
Output 2 - Aumento no nível de consciência sobre o tema: reconhecer a violência baseada em gênero como algo sistêmico e interseccional; se colocar no lugar da vítima e criar empatia com ela

Também nos interessava saber se as pessoas participantes passaram a reconhecer a violência baseada em gênero como um problema sistêmico e interseccional, e não isolado. Para isso, comparamos os questionários pré e pós.

Após a oficina, ficou claro para grande parte dos participantes que a violência contra meninas e mulheres cresceu nos últimos anos. Também mudou a percepção do principal perfil das vítimas de estupro no Brasil: agora, a compreensão é quase total de que são as meninas quem mais sofrem (e não as mulheres adultas).

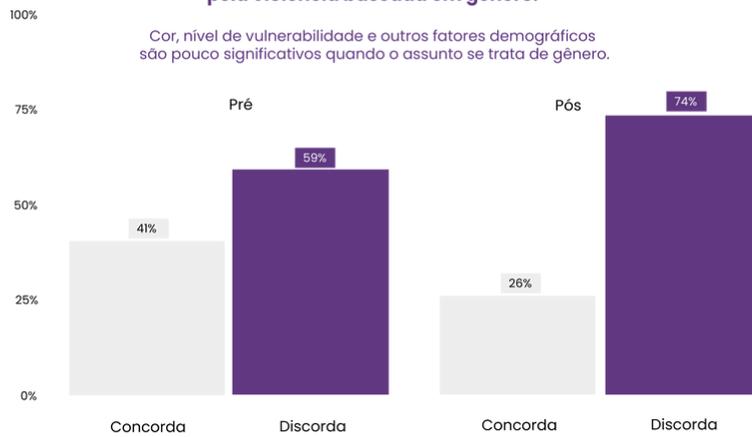


Já era alta a percepção de que meninas negras e/ou pobres enfrentam maiores dificuldades para acessar a justiça, mas a oficina ajudou os participantes a entenderem que o racismo está intrinsicamente ligado à violência sexual no Brasil.

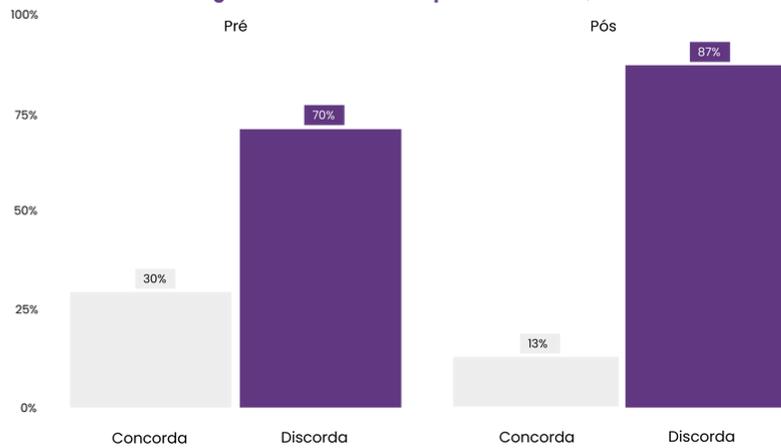


Houve, também, um aumento no entendimento de que a violência baseada em gênero é uma questão interseccional, assim como o entendimento de que mulheres transgênero e travestis também são passíveis de sofrer feminicídio.

Todas as meninas brasileiras são afetadas igualmente pela violência baseada em gênero.

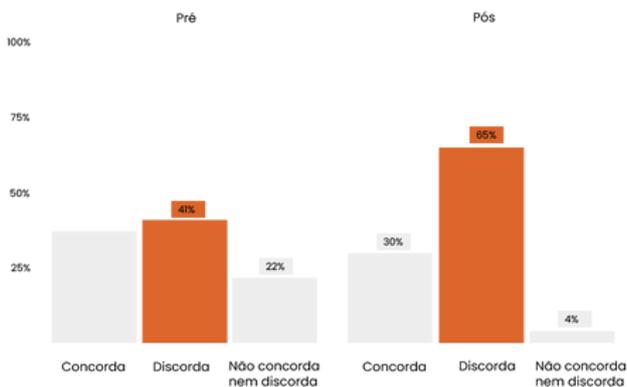


Mulheres cisgênero sofrem feminicídio. Mulheres transgênero sofrem outros tipos de violência, mas não feminicídio.

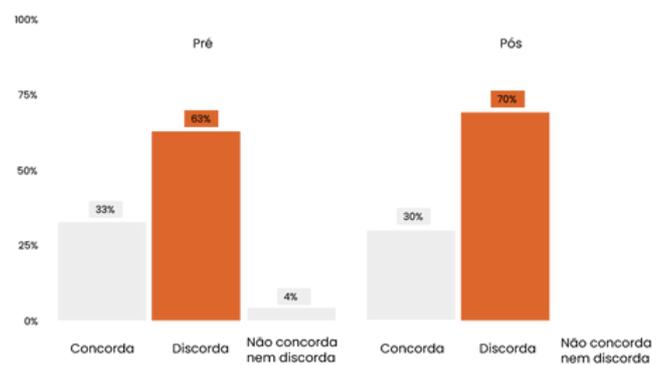


Após a oficina, também fica mais evidente que observar a mãe sofrer violência do pai ou marido não necessariamente deixa a menina mais atenta para esse tipo de violência. Também aumentou o entendimento de que o termo “prostituição infantil” não existe e não pode ser usado para denominar “exploração sexual infantil”.

A exploração sexual infantil também pode ser oficialmente chamada de prostituição infantil

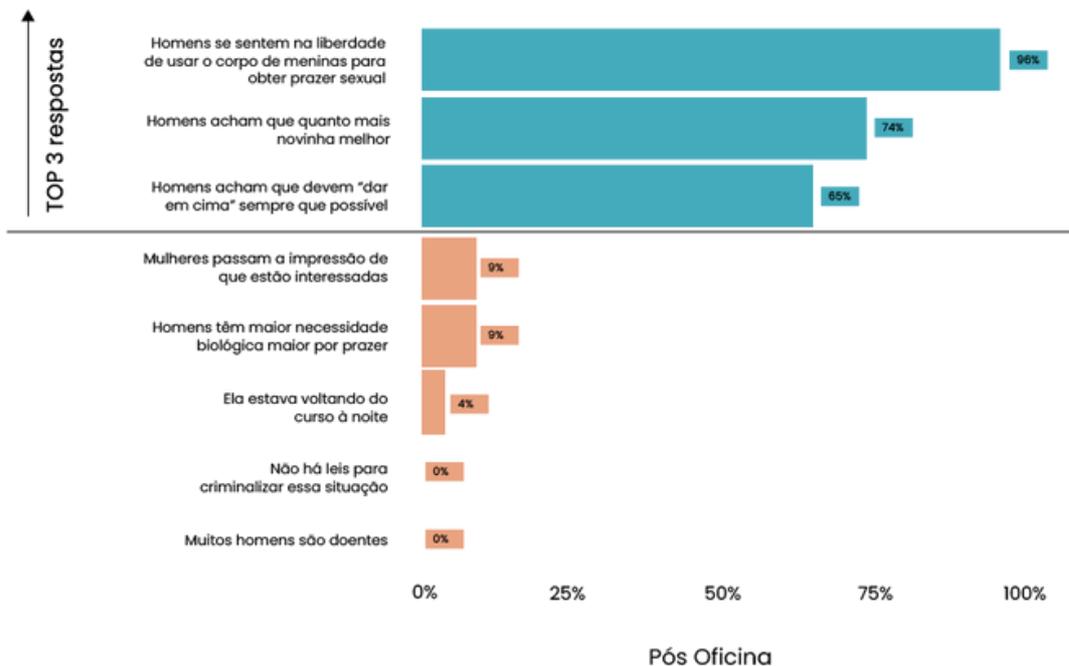
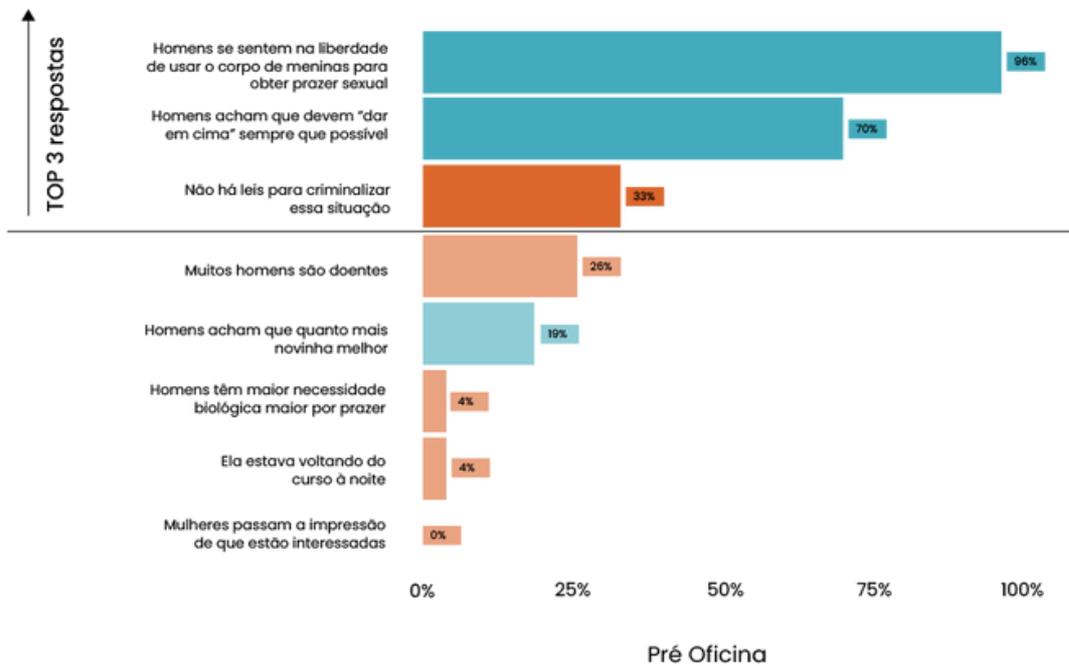


Uma menina que observa a mãe sofrendo violência do pai ou marido fica muito mais atenta para não repetir esse padrão nas suas próprias relações e escapar desse tipo de violência



Em outra questão, apresentamos a história de uma jovem que sofre importunação sexual dentro do ônibus. Eram listados diversos motivos pelos quais essa situação poderia ter acontecido, alguns que representavam corretamente a situação (culpabilizando a cultura sexista no Brasil), e outros representando erroneamente a situação (culpabilizando a vítima). O resultado esperado após oficina era um aumento das respostas corretas e diminuição das respostas erradas.

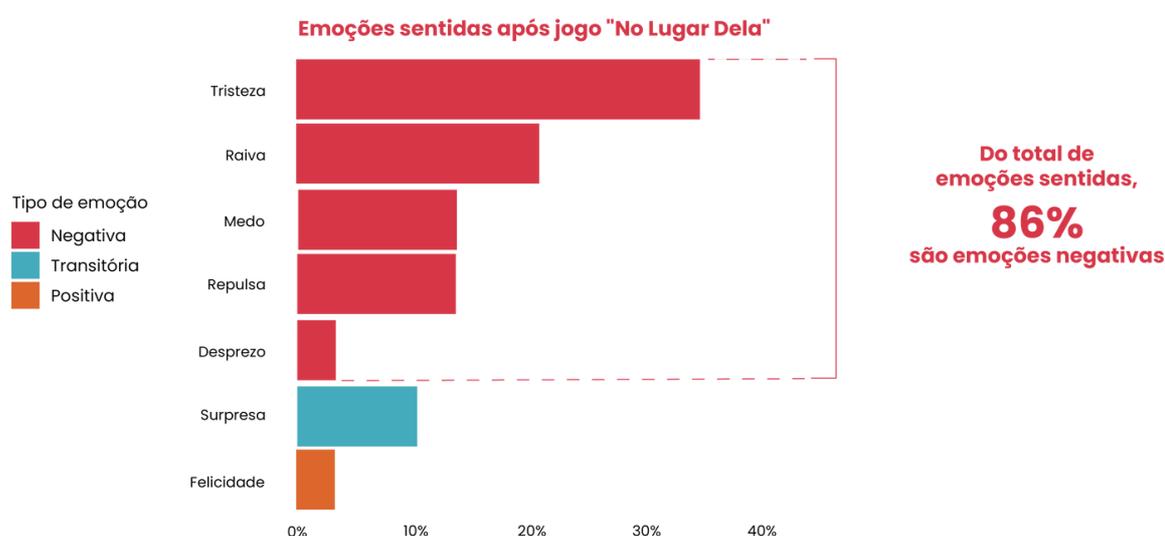
A porcentagem de respostas corretas aumenta visivelmente, principalmente no que diz respeito ao imaginário masculino de que “quanto mais novinha, melhor”. Outra importante mudança é o entendimento de que há leis que criminalizam a importunação sexual (percepção cai de 33% para 0), e que a motivação para tais atos não acontece porque “há muitos homens doentes”.



Para mensurar o nível de empatia com vítimas de violências, utilizamos um jogo chamado “No Lugar Dela”.¹¹ Nesse jogo, as pessoas participantes são apresentadas a histórias reais de vítimas de violência baseada no gênero. Para cada história, uma pessoa deve se colocar no lugar da vítima e tomar uma sequência de decisões frente à violência vivida, enquanto as demais observam.

Para mensurar o nível de empatia, ao final apresentamos um framework com 7 emoções universais¹² e pedimos para as participantes relatarem como se sentiram durante o jogo. O resultado esperado era uma alta frequência de emoções negativas, principalmente Tristeza e Medo, que tendem a paralisar e levar à inação. De fato, as emoções negativas dominaram os sentimentos após participantes terem jogado, independentemente do papel desempenhado no jogo (vítima ou observadora).

Dentre as emoções negativas, a Tristeza é quem se destaca, seguida pela Raiva.



Consideramos a atividade bem sucedida pois são estas as respostas emocionais sentidas pelas vítimas de violência baseada em gênero, onde emoções similares prevalecem e elas se veem paralisadas.

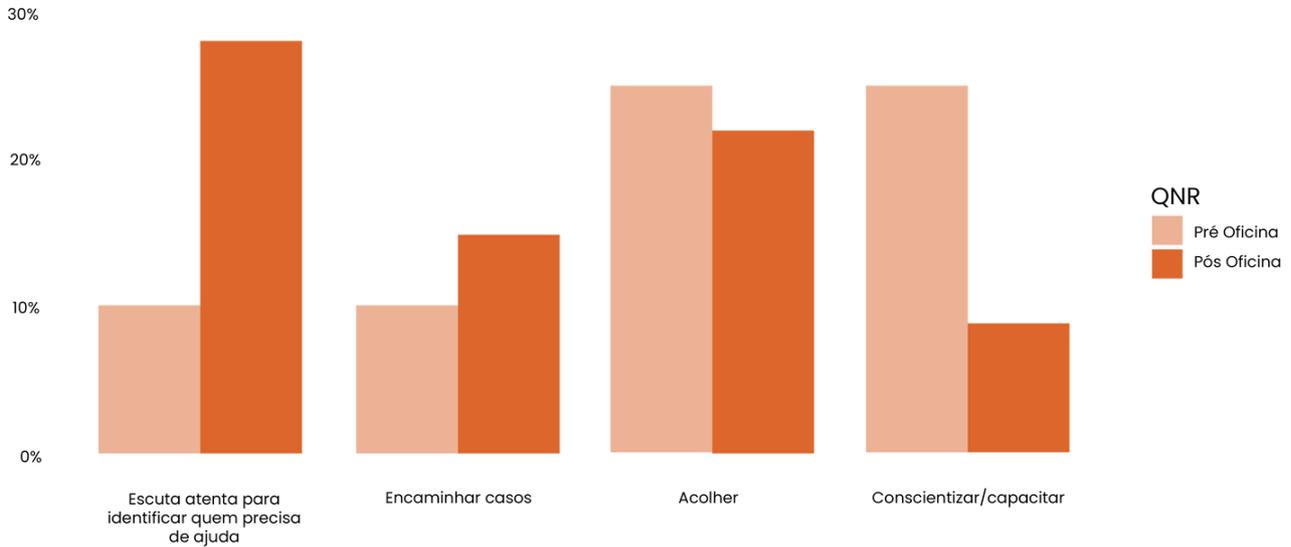
Output 3 - Mudança de atitude frente às violências: *identificar ações individuais para prevenir e enfrentar a VBG no território.*

Por fim, para avaliar a mudança de atitude frente a uma situação de violência, incluímos nos questionários uma pergunta aberta que indagava quais ações as participantes entendiam que poderiam fazer para enfrentar a VBG - tanto a nível profissional como pessoal. O resultado esperado após oficina era um maior e mais profundo nível de comprometimento, além de uma expansão no entendimento de como eles poderiam ajudar a enfrentar a VBG.

11) Jogo desenvolvido pelo Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da USP

12) Ao longo das últimas décadas foram feitos inúmeros estudos a respeito das emoções humanas. O psicólogo americano Paul Ekman, considerado um dos 100 psicólogos mais notáveis do século XX, foi um dos que mais avançou nesse campo. Sua maior contribuição foi a Teoria da Universalidade das emoções, onde prova, através de pesquisas em diversas partes do mundo, que existem 7 emoções universais, manifestadas através das mesmas expressões faciais ao redor do mundo todo. Cultura, etnia, nacionalidade ou qualquer outra variável demográfica não interferem na manifestação dessas 7 emoções.

Respostas pós oficina sugerem que participantes passaram a se comprometer mais com ações que contribuem diretamente com a vida das vítimas (ex: escuta atenta, conseguir encaminhar casos) e menos com ações indiretas e mais “frágeis” (conscientizar pessoas).



Além disso, enquanto respostas pré oficina são altamente focadas em acolhimento (compromisso direto) e divulgação sobre o tema (compromisso indireto), pós oficina são bastante focadas no auxílio direto à vítima (escuta atenta, acolhimento, encaminhamento caso). Além disso, as respostas são mais dispersas - e, nesse sentido, mais focadas no que cada participante pode se comprometer, dado seu contexto e local em que trabalha. Tal característica é positiva já que denota real reflexão dos participantes e tradução da oficina para seus próprios contextos.

Engajamento de juventudes

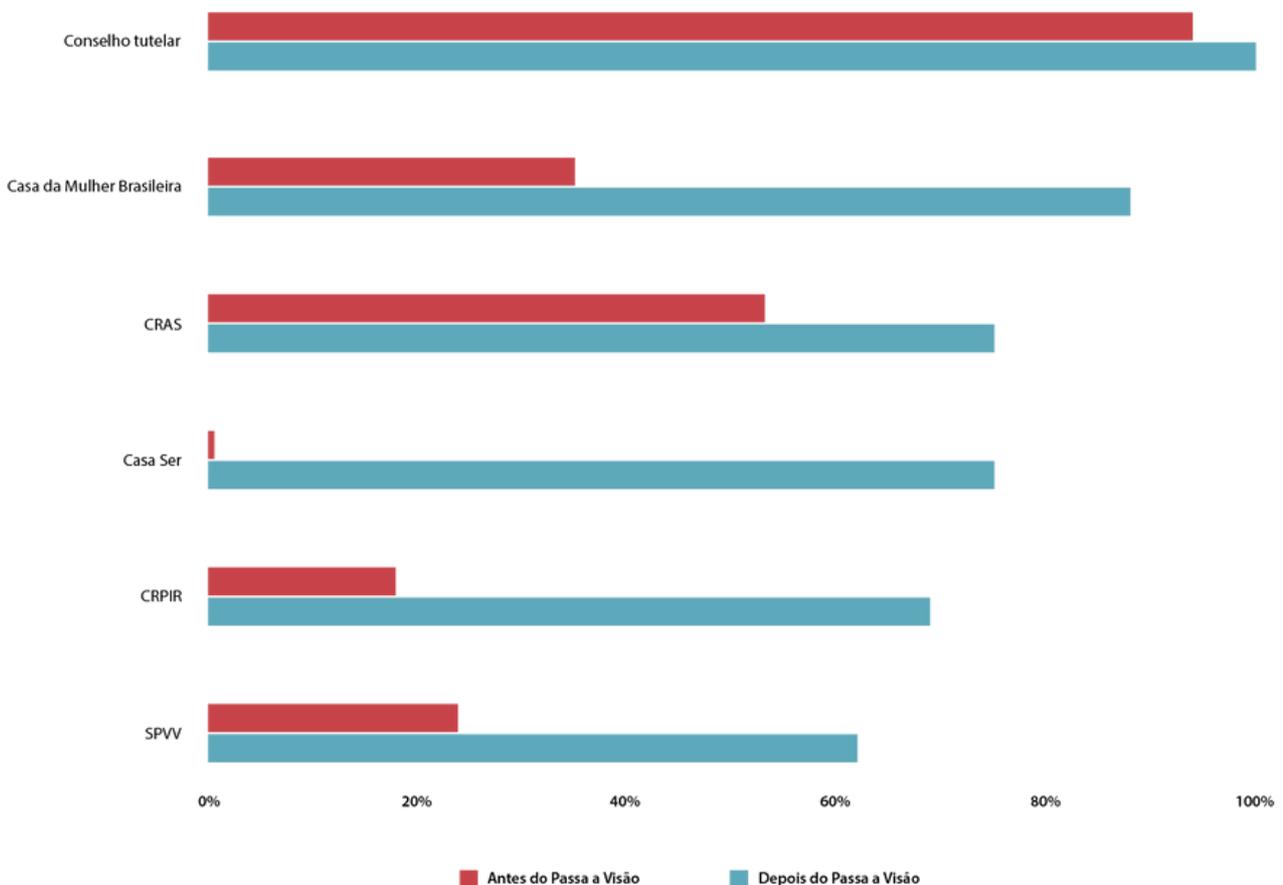
Avaliação de impacto

Antes de trazer dados que indicam o impacto do projeto junto à Rede de Adolescentes e Jovens Comunicadores, precisamos sublinhar uma limitação importante do processo avaliativo: a decisão e o financiamento para conduzir uma avaliação mais robusta de SBC veio apenas no segundo ciclo do projeto. Dessa forma, contamos com uma especialista para a produção do questionário posterior à formação, mas isso não aconteceu no momento da elaboração do questionário prévio. Assim, foi preciso limitar as perguntas que se relacionam à aquisição de conhecimento sobre o tema de acordo com as que foram feitas no questionário pré-formação, que não tinha necessariamente a intenção de mensurar mudança de comportamento. Além disso, incluímos perguntas que se baseiam na percepção atual dos jovens sobre suas próprias jornadas para conseguir mensurar outros outputs. Isso posto, vamos aos resultados!

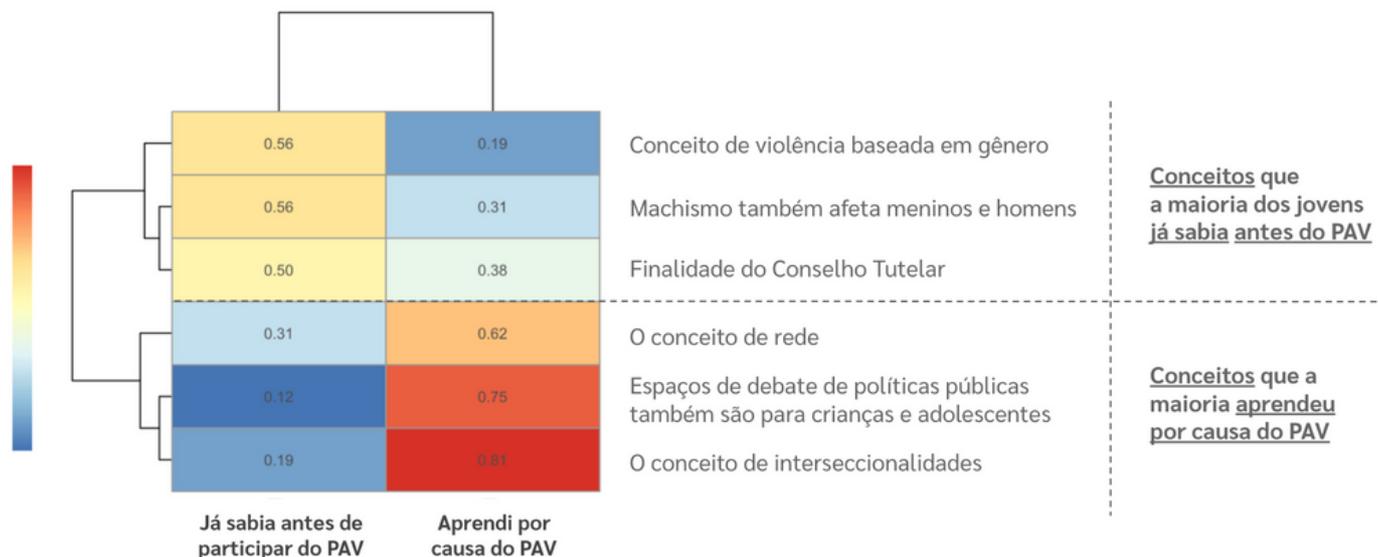
Output 1 - Novos conhecimentos: *saber fatos e informações sobre prevenção e enfrentamento da violência contra meninas e mulheres.*

Em primeiro lugar, nota-se um deslocamento interessante na aquisição de conhecimentos formais. Comparando os questionários pré e pós, percebemos que agora há um conhecimento maior sobre a função dos equipamentos públicos que visitamos durante a jornada formativa.

Quais serviços da Rede de Proteção você conhece e sabe o que faz?



Além disso, o mapa de calor abaixo demonstra que os jovens sinalizam que aprenderam com o Passa a Visão conceitos mais especializados sobre prevenção de violências (como interseccionalidades e rede de proteção), além da nova percepção de que espaços de debate de políticas públicas também podem ser ocupados por crianças e adolescentes.



Output 2 - Aumento no nível de consciência sobre o tema: perceber situações cotidianas de violência contra meninas e mulheres.

Em relação ao nível de consciência sobre o tema, utilizamos perguntas situacionais com exemplos de violências contra crianças e adolescentes, racismo e violências baseadas no gênero. Calculando a média de respostas corretas para todas as perguntas, 90% das respostas reconheciam tais situações como violências, frente a 74% no início do projeto, o que indica que agora os jovens estão mais atentos e preparados para identificar tais situações e agir frente a isso.

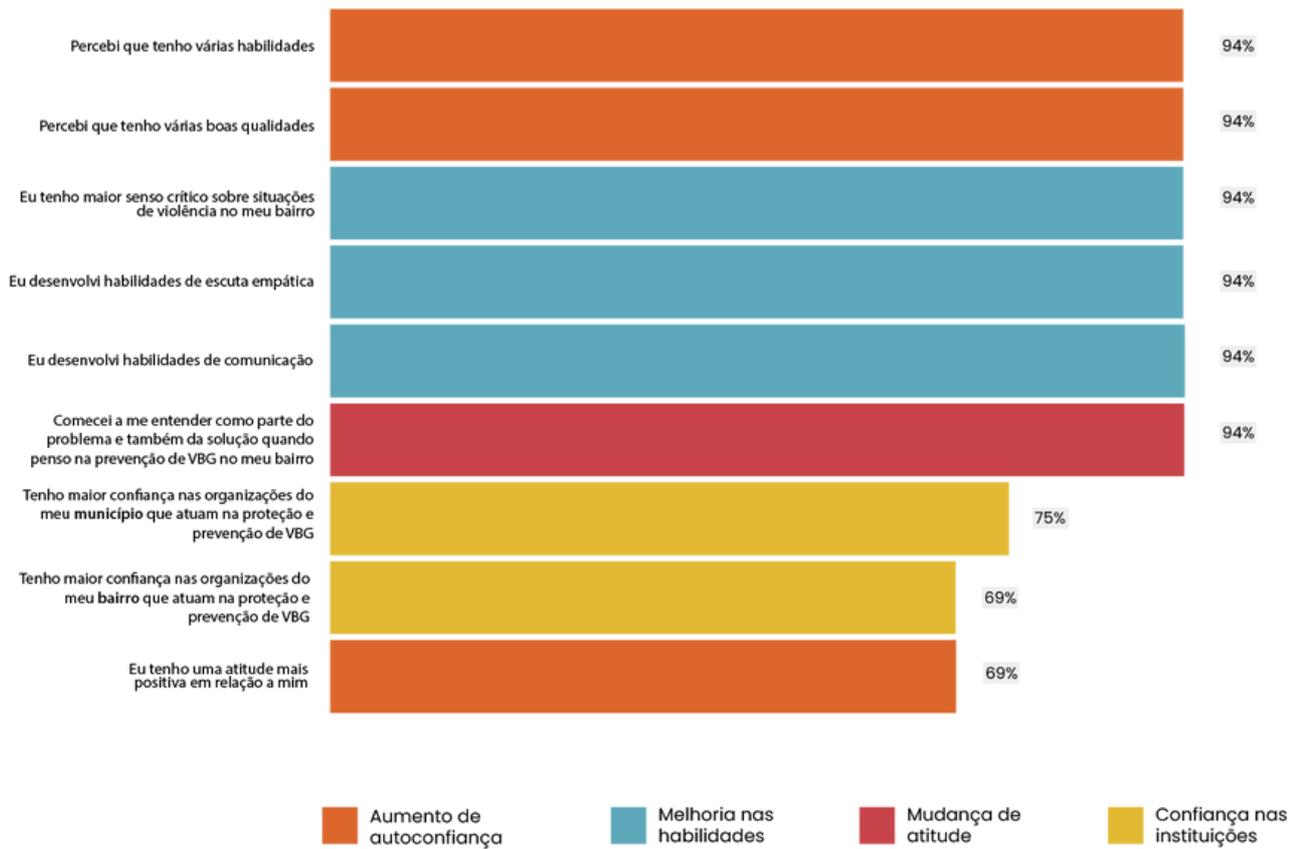
Outputs 3,4,5,6 - Mudança de atitude frente às violências, aumento de autoconfiança, melhoria de habilidades, aumento de confiança nas instituições

Olhando para a Rede de Adolescentes e Jovens Comunicadores, também buscamos avaliar o que está para além do conhecimento formal e da consciência sobre a agenda de prevenção de violências. Seguindo uma das premissas básicas da metodologia formativa, era interessante para nós visualizar a “emergência do ‘eu’ no processo”.

Para incentivar que essas juventudes se tornassem “comunicadoras” era também necessário criar as condições para que pudessem reconhecer sua autonomia, seu potencial reflexivo e criativo, além de desenvolver relações de maior qualidade consigo mesmos, com os outros e com o entorno.

Em outras palavras: através dos questionários pré e pós jornada formativa, buscamos captar não apenas o deslocamento de aprendizagem em relação aos conhecimentos formais, mas também - e principalmente - a percepção dos jovens sobre suas habilidades, autoconfiança e confiança nas instituições que os protegem.

“Desde que passei a fazer parte da Rede Passa a Visão...”



Lições aprendidas

Ao longo de todos esses meses de projeto, colecionamos boas memórias, novas relações e também um punhado de lições aprendidas. Compartilhamos algumas delas a seguir.

Em primeiro lugar, destacamos a importância de executar um trabalho que tem como premissa essencial a centralidade no território. No momento de contratar prestadores de serviços, é fundamental priorizar aquelas pessoas que atuam localmente e/ou são residentes do território - de forma a ampliar o conceito de "fortalecimento das capacidades" e, por consequência, o impacto do projeto a nível local. Essa centralidade também deve estar conectada à escolha de temas a serem abordados e atividades a serem conduzidas nas ações de formação ou qualificação de agentes locais. Por fim, essas ações devem sempre respeitar as dinâmicas locais, priorizando os espaços de governança e relacionamento pré existentes.

No trabalho com a Rede de Adolescentes e Jovens, gostaríamos de ter explorado melhor o binômio autonomia vs. suporte. Nossa hipótese é que encontros mais recorrentes, aliados à existência de um espaço físico próprio do projeto no território, poderiam ter potencializado a relação entre os adolescentes e jovens e conferido maior autonomia para as ações da Rede. Nesse cenário hipotético, também poderíamos ter experimentado encontros organizados e facilitados pelos próprios adolescentes e jovens. Entendemos, porém, que além dessas hipóteses, é também importante considerar que uma tecnologia social tão robusta quanto a formação de uma Rede de Adolescentes e Jovens Comunicadores de um território periférico, é algo que demanda investimento contínuo e pivotagem para que gere resultados no longo prazo.

Finalmente, enfatizamos a potência de ter uma profissional especializada em *Social and Behavior Change* colaborando com a construção das ações do projeto. Isso se deu apenas no segundo ciclo do projeto, mas agora entendemos que deveria ter sido um investimento desde o princípio da nossa atuação, permitindo uma mensuração de impacto mais ampla e robusta.





Impacto além dos números

Depoimentos <3



A oficina de sensibilização Passa a Visão foi muito instigante. (...) Entrei no estado de ficar mais atenta aos sinais e a como eu posso apoiar uma menina caso esteja sofrendo algum tipo de violência. (...) A condução de cada uma das formadoras foi muito boa, pois não deixaram o ambiente se tornar pesado. Claro que uma história de violência pode trazer gatilhos, mas a forma que cada uma conduziu, nos deixava no ambiente de sensibilização mais tranquilo.

Emily Meirelles, participante das oficinas de sensibilização, artista-educadora, atriz e moradora de Cidade Tiradentes

“Os dois dias de Oficina me fizeram entender e compreender os diferentes tipos de violências e seus índices, quais são os caminhos adequados, os direcionamentos, como agir diante da situação e principalmente, como acolher essas pessoas. Tudo isso e mais um pouco que vivenciei e absorvi auxiliaram na minha formação e principalmente na tomada de atitudes sem colocar em risco a integridade da pessoa que sofreu a violência, para que esses casos diminuam e não voltem a acontecer.”

Cláudio Pavão, participante das oficinas de sensibilização, ator e Coordenador de Equipe e Processos Artístico Pedagógico no Programa Piá

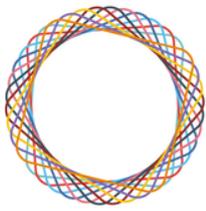


“O que eu mais gostei no projeto Passa A Visão foram as diferentes dinâmicas que nós realizamos, elas deixaram temas super pesados e mega complexos mais leves. Aprendemos não só com o conteúdo que trouxeram pra gente, mas também com as vivências de todo mundo que participou.”

Rafael Lima, 17 anos, jovem comunicador



Reconhecimentos

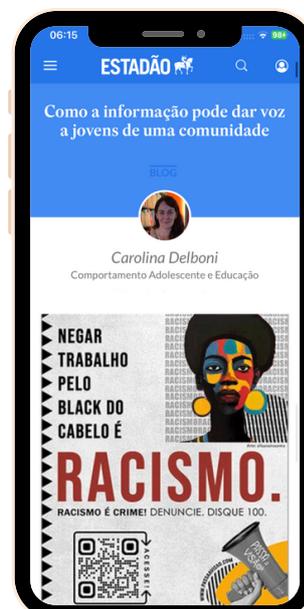


SELO MUNICIPAL
Direitos Humanos
e Diversidade

O Passa a Visão foi reconhecido pela 6ª Edição do Selo Direitos Humanos e Diversidade, iniciativa da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania que reconhece boas práticas de gestão da diversidade e promoção dos direitos humanos em empresas, órgãos públicos e organizações do terceiro setor.

O prêmio prevê 12 categorias que incluem população negra, povos indígenas, pessoas privadas de liberdade e egressa do sistema prisional, LGBTI+, pessoas em situação de rua, mulheres, pessoas imigrantes, juventude, pessoas com deficiência, pessoas idosas, infância e adolescência e transversalidades.

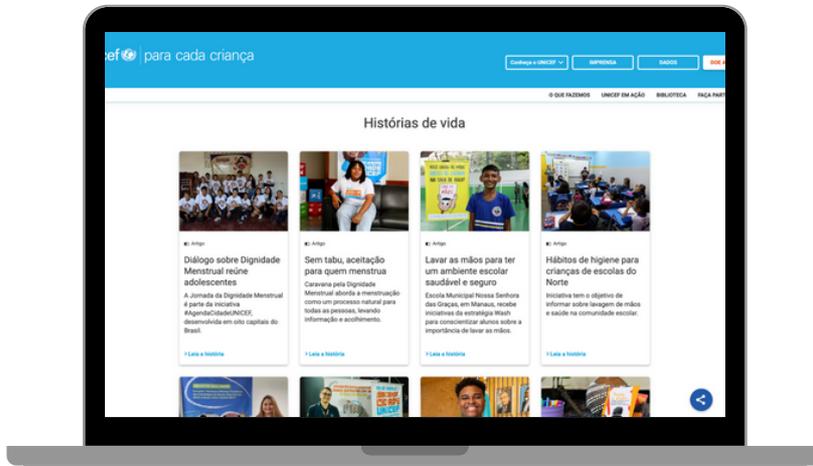
Nosso reconhecimento se deu nesta última categoria, que abarca projetos que impactam mais de uma categoria.



A colunista Carolina Delboni, do Estadão, escreveu um artigo sobre o Passa a Visão.

Confira!

Registros de histórias



Acesse o site do UNICEF e conheça histórias de pessoas impactadas pelo Projeto Passa a Visão.



“A violência vai acabar quando falarmos sobre ela”

História do Ryan



“Os jovens precisam colocar a boca no trombone”

História da Emmy



“Consigo dialogar mais e aprendi a ouvir”

História do Pedro



“Nunca vou me esquecer das minhas origens”

História do Rafael



“Quero acolher os jovens por meio da arte”

História da Giulya

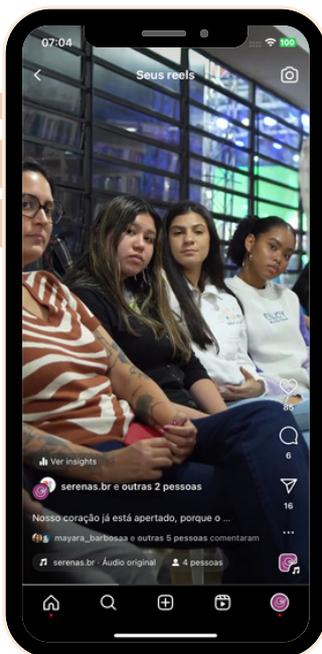


“Aprendi os lugares em que posso pedir ajuda”

História do Yuri

Registros de histórias

Clique aqui e conheça a história de Lua Lucas, Cláudio Pavão e Arielle Ferreira, profissionais do território que atuam na prevenção de violências.



Acesse os vídeos das visitas realizadas pela rede de jovens e ouça os depoimentos deles sobre a importância desse contato direto.

Os vídeos foram produzidos pela Agência EDN e estão disponíveis no Instagram: @serenas.br

Direção: Camila Vaz
Edição: Pedro Paquino

Leia também as reflexões dos jovens sobre as ações realizadas pela Rede em 2023 no blog do Passa a Visão



YASMIN (A DRA)
 PLO NICOLU
 Evelyn
 MARIA SIMPADO
 BABABEL
 ARTHUR
 Talibakil
 ESTER
 LOUZA
 Bianca!
 Gidya
 ZHARICK
 FIDIO 29
 Other
 Aminda Sadalla
 Lauana Ryan
 Sebax Saei
 Brunet!!
 Jofita 28.10
 Xicolly
 Talibakil
 Louisa
 Caroline



Agradecimientos

Agradecemos todas as pessoas, coletividades, organizações e serviços de Cidade Tiradentes e do município de São Paulo que contribuíram com projeto Passa a Visão.

Equipe UNICEF

- Adriana Alvarenga
- Immaculada Prieto
- Mayara Barbosa
- Rodrigo Santiago

Equipe Advocacy Hub

- Talita Ibrahim
- Jéssica Lana

Espaços que acolheram atividades do projeto

- Centro de Formação Cultural de Cidade Tiradentes
- CEU Barro Branco III
- Centro de Referência e Promoção da Igualdade Racial de Cidade Tiradentes
- Mandata Coletiva Quilombo Periférico
- Casa da Mulher Brasileira
- Casa Ser Dorinha
- Conselho Tutelar I
- Grupo Cria

Apoio em mobilização para rodas de conversa

- Centro de Referência de Assistência Social
- Supervisão Técnica de Saúde

Apoio operacional

- Savian Contabilidade
- Doce Encanto
- Agência EDN

Facilitadoras de oficinas com Rede de Jovens

- Lua Lucas Rangel
- Ellen Rio Branco
- Robert Aparecido de Assis
- Gley Santos
- Shirley Silvério
- Gleicy Kathleen Izaias
- Bernardo Sensato
- Leonardo Loureiro

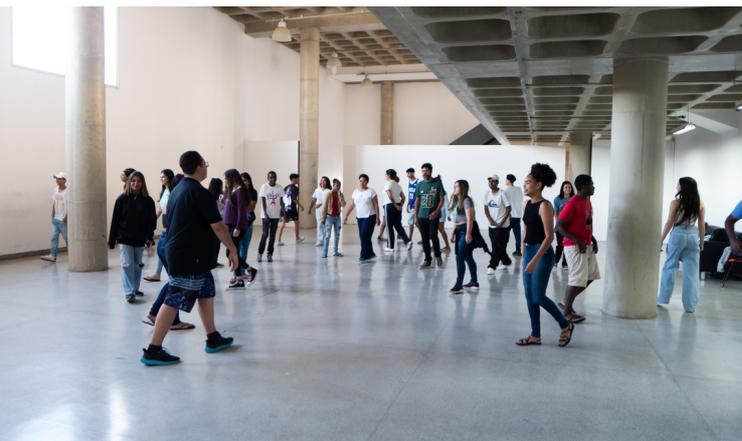
Produção da campanha multimídia

- Site: Thiago Pereira e Clara Lanna Turazzi
- Podcast: Núcleo Teatral Filhas da Dita
- Design cartazes: Luara Iracema

Imprensa

- Rádio Comunitária Tiradentes FM
- Rádio Trianon AM 740
- Carolina Delboni - Estadão





Rede de adolescentes e jovens

- Allan Gabriel Lopes Antonio
- Allyson Miguel Lopes Antônio
- Andrey Fernandes Ferreira
- Angel Gabriel Pereira de Souza
- Anne Caroline Almeida
- Arthur de Souza Ghiraldini
- Beatriz Brito da Silva
- Bianca Pereira dos Santos
- Camilly da Silva Tulio
- Eike Gustavo de Assis Feitoza
- Emily Aparecida Baptista da Silva
- Estephani Geovana Tavares Da Silva
- Ester Aurelina da Silva
- Ester Honório Guerra
- Evelyn Araújo Ribeiro
- Fernanda de Jesus Pinheiro
- Fernanda Ellen Campos de Almeida
- Giovanni Francisco Alves de Lira
- Giulya Aparecida Maciel
- Gleice Nicolly Santos da Silva
- Hagata Lohany Sousa de Assis Bahia
- Higor Willians da Silva Souza
- Higor Willians da Silva Souza
- Isabela Carine Passo Silva
- Isadora Rossato de Araújo
- Juciely Maria Gomes da Silva
- Julia Lima Espinola
- Julia Louzada da Silva Gomes
- Juno de Paula Custódio
- Ketellyn Beatriz Bernardes da Silva
- Lauanda Dos Santos Souza
- Leonardo Monteiro de souza
- Luiz Gustavo Rodrigues da Silva
- Marcio Leonardo Macedo do Nascimento
- Marielly bandeira Cavalcante
- Marina de Almeida Alves
- Matheus Freitas da Silva
- Maycon Douglas Cardoso Da Silva
- Nicolly Jacob Vitalino
- Pedro Luis de Oliveira Santos
- Pedro Ricardo Santos Miranda Rosa
- Rafael Lima Gurgel
- Ryan Honorio Silva
- Selene Araujo de Almeida
- Stephany Julia de Oliveira Justino
- Suellen Mendes da Silva
- Talibakil Ferreira de Souza
- Vitória Felício dos Santos
- Yasmin Pereira felix
- Yasmin Rodrigues
- Yuri Alexandre Gonçalves de Sousa
- Zharick Nayeli Alvarez Campos

Ficha técnica



Isabela

Bruna

Agnes

Manda

Isa

Equipe Serenas envolvida no projeto

Gestão

Isabella Cruvinel Santiago
Diretora Institucional da Serenas

Supervisão

Amanda Sadalla Costa
Diretora Executiva da Serenas

Equipe técnica

Bruna Latrofe
Especialista em Proteção e Prevenção

Thábata Wbalojá
Consultora em Mobilização Social

Consultoras

Agnes Sofia Guimarães Cruz
Consultora em Comunicação Social

Isabella Pileggi
Consultora em Mudança de
Comportamento Social

Redação e diagramação do relatório

Isabella Cruvinel Santiago
Diretora Institucional da Serenas

Fotografias

Agência EDN - Pedro Paquino
Arquivo Serenas - Isabella Santiago

PASSA A ViSÃO

